



**EMMA  
GOLDMAN**



Emma Goldman (1869 - 1940)

Casamento e amor (1911)

Ciúme: Causas e uma possível cura (1915)

Tráfico de mulheres (1909)



# Casamento e amor

A noção popular em torno do casamento e do amor é a de que sejam sinônimos, que afluam das mesmas razões e preencham as mesmas carências humanas. Como tantas outras noções populares, também esta não repousa em fatos concretos, mas sob superstições.

Casamento e amor não possuem nada em comum; são tão apartados como polos opostos; e são, com efeito, antagônicos entre si. Sem dúvidas que certos casamentos são resultado do amor. Entretanto, não por que o amor só se afirma em casamento; mas por que poucas pessoas são capazes de superar completamente uma convenção. Hoje, para um grande número de homens e mulheres, o casamento nada é senão uma farsa, mas a ele se submetem por amor à opinião pública. Em todo caso, enquanto é verdade que certos casamentos fundam-se no amor e igualmente verdade que certas vezes o amor perdura na vida conjugal, eu sustento que isso se dá independentemente do casamento e não devido a ele.

Por outro lado, é inteiramente falso que o amor possa ser resultado do casamento. Um caso milagroso se faz ouvir, em raras ocasiões, de cônjuges que se apaixonaram depois de casados, mas um exame minucioso revelaria aí um mero ajuste ao inevitável. Certamente, a habituação mútua não teria a mesma espontaneidade, intensidade e beatitude do amor, sem as quais a intimidade do casamento revelar-se-ia degradante para ambos o homem e a mulher.

O casamento é em primeiro lugar um arranjo econômico, um contrato de seguro. Só difere do contrato comum justamente naquilo que este tem de mais compulsório, de mais exigente. Os retornos são insignificamente pequenos se comparados aos investimentos. Quando contratamos uma apólice de seguro, pagamos por ela em dólares e centavos, mas sempre nos resta a liberdade de descontinuar os pagamentos. Contudo, se o *prêmio do seguro* for o marido, a mulher pagará com seu nome, com sua privacidade, com sua autoestima e com sua própria vida “até que a morte os separe”. Além do que, o contrato do casamento condena-a a uma dependência vitalícia, ao parasitismo, à mais completa inutilidade individual bem como social. O homem também paga a sua quota, mas como sua esfera é mais ampla, o casamento não o limita tanto quanto a mulher. Ele sente suas correntes pesarem num sentido mais econômico.

E assim o mote do Inferno de Dante se aplica ao casamento com a mesma força: “Deixai toda esperança, ó vós que entráis!”<sup>1</sup>.

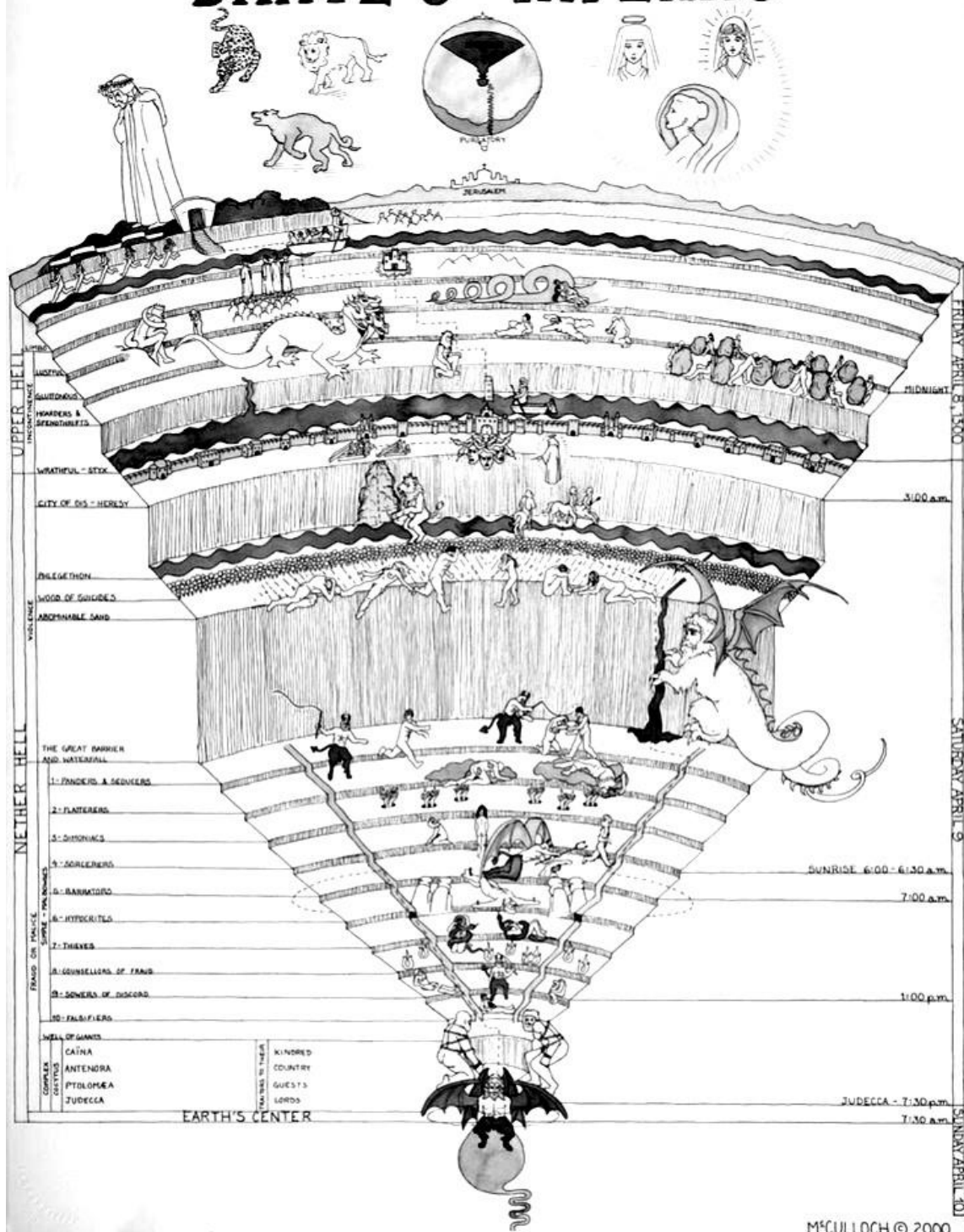
Somente alguém completamente estúpido negaria que o casamento é um fracasso. Basta relancear a vista sobre as estatísticas do divórcio para perceber como é amargo o fracasso do casamento. Tampouco o estereotipado argumento filisteu, à saber, o da crescente lassidão da mulher e das leis do divórcio, será capaz de explicar o fato de que: em primeiro lugar, a cada décimo segundo casamento um termina em divórcio; segundo, que desde 1870, os divórcios cresceram de 28 para 73 a cada população de 300; terceiro, que desde 1867, o adultério como causa do divórcio cresceu 280,7%; quarto, que a deserção aumentou em 369,8%.

---

<sup>1</sup> “Frente aos portões do inferno, Dante e Virgílio dão de cara com uma mensagem não muito animadora: “Deixai toda esperança, ó vós que entráis”. Esperança era um conceito essencial na Idade Média – porque a vida, a não ser para a aristocracia, era brutal e curta. Para muitos, a esperança de vida eterna dava uma razão para enfrentar o sofrimento cotidiano. Mas a chegada ao inferno significava que ter esperança já não fazia mais sentido.”

<https://super.abril.com.br/cultura/o-mapa-do-inferno/>

# DANTE'S INFERNO



Somado a estes números surpreendentes, há ainda um vasto material dramático e literário melhor elucidando o assunto. Robert Herrick, em *Together*; Pinero, em *Mid-Channel*; Eugene Walter, em *Paid in Full*, e dezenas de outros escritores estão discutindo a aridez, a monotonia, a sordidez, e a inadequação do casamento como um fator de harmonia e entendimento.

O estudioso social sério não se contentará com a superficial desculpa popular dada a este fenômeno. Ele terá de escavar a vida dos sexos profundamente adentro para compreender o porquê de o casamento revelar-se tão desastroso.

Edward Carpenter diz que por trás de todo casamento persiste uma ambiência vitalícia dos dois sexos; ambiências tão distintas entre si que marido e mulher devem permanecer estranhos um ao outro. Separados por uma intransponível muralha de superstição, costume e hábito, o casamento não teria a potencialidade de desenvolver o conhecimento e o respeito mútuo, sem os quais toda união estaria fadada ao fracasso.

Henrik Ibsen<sup>2</sup>, inimigo de toda farsa social, provavelmente foi o primeiro a conceber esta grande verdade. Nora<sup>3</sup> abandonou o marido, não por que – como queria a crítica estúpida – havia se cansado de suas responsabilidades ou reclamava os direitos da mulher, mas por que chegou à conclusão de que durante oito anos convivera com um estranho e agora havia dado à luz um filho seu. Pode existir algo mais humilhante, mais degradante, do que a proximidade vitalícia entre dois estranhos? Não é preciso que a mulher saiba nada sobre o homem, exceto sua renda. Quanto à mulher – o que é preciso



saber, exceto se possui boa aparência? Não superamos ainda o velho mito teológico em que a mulher não tem alma, em que ela é um mero apêndice do homem, feita de sua costela para sua conveniência.

Porventura do material de parca qualidade, a mulher tornou-se responsável pela própria inferioridade. Em todo caso, a mulher não tem alma – existe algo nela para ser conhecido? Além do que, quanto menos alma possui a mulher, maior sua vocação para esposa, o mais prontamente absorver-se-á ao marido. É essa servil aquiescência à superioridade do homem que manteve por tão longo tempo a instituição do casamento aparentemente intacta. Mas agora que a mulher está dando conta de si, agora que ela está cada vez mais consciente de si mesma como um ser exterior à graça do mestre, a sagrada instituição do casamento está gradualmente ruindo, e nenhum lamento emocional pode mais evitá-lo.

Desde a mais tenra infância é ensinado à garota que seu objetivo final é o casamento; portanto todo seu treino e educação *devem ser* direcionados para este fim. Como a besta muda na engorda, ela é conduzida para o abate. Mas, por incrível que pareça, ao contrário do trabalhador comum, nada lhe é permitido saber sobre sua futura função de esposa e mãe. Para uma garota respeitável, é indecente e sujo saber qualquer coisa a respeito da relação conjugal. Ah! Pela incoerência da respeitabilidade, exigir votos de casamento para tornar algo sujo no mais puro e sagrado arranjo, que ninguém ousaria questionar ou criticar. No entanto, é exatamente esta a atitude do entusiasta comum do casamento. A futura esposa e mãe é mantida na mais completa ignorância em relação a sua única inclinação no campo competitivo — o sexo. Desse modo, ela entra numa relação vitalícia com um

---

<sup>2</sup> N.T.: Henrik Ibsen (1828-1906), dramaturgo escandinavo conhecido por sua tendência anarquista-individualista. A autora faz uma crítica mais demorada da obra de Ibsen no livro *The Social Significance of the Modern Drama* (1914).

<sup>3</sup> N.T.: Nora é personagem da peça *Et dukkehjem* (1879), traduzido em inglês como *A Doll's House*, de Ibsen.

homem, na qual certamente ver-se-á chocada, repelida, e ultrajada além da medida, apenas devido ao seu mais natural e saudável instinto, o sexo. É seguro dizer que uma grande percentagem de infelicidade, miséria, aflição, e sofrimento físico do matrimônio decorra da ignorância criminosa em matéria de sexo que é exortada por muitos como uma grande virtude. Tampouco é um exagero quando digo que devido a este fato deplorável mais de um lar foi desfeito.

Entretanto, se a mulher for grande e livre o bastante para conhecer o mistério do sexo sem a sanção do Estado ou da Igreja, ela será julgada como absolutamente imprópria para desposar um “bom” homem, sua bondade consistindo num cérebro vazio e num bolso cheio. Pode existir algo mais ultrajante que a ideia de uma mulher saudável, em plena idade, cheia de paixão e vida, dever negar as demandas da natureza, reprimir o seu mais intenso desejo, prejudicar a sua saúde, quebrantar o seu espírito, cegar a própria vista, abster-se de toda a glória e de toda profundidade da experiência do sexo, até que eis que lhe apareça um “bom” homem para tomá-la como legítima esposa? É precisamente isso que significa o casamento. Como poderia tal arranjo terminar senão em fracasso? Estes são alguns fatores, não menos importantes, que diferenciam o casamento do amor.

A nossa era é uma era prática. O tempo em que Romeu e Julieta arriscaram-se à fúria dos pais por amor, em que Gretchen expôs-se aos seus concidadãos por amor, acabou. Se, em raras ocasiões, os jovens ainda se permitem a luxúria do romance, prontamente os mais velhos tratam de pregá-los e martelá-los até recobrem a “sensatez”.

A lição moral instilada na garota não é a de se o homem é ou não capaz de arrebatá-lo o seu amor, porém, o “Quanto?”. O único e mais importante Deus da vida prática americana: Conseguirá este homem ganhar a vida? Conseguirá ele sustentar uma esposa? Esta é a única coisa que justifica o casamento. Isso tudo gradualmente satura o pensamento da garota, que então já não mais sonha com beijos à luz da lua, sorrisos e lágrimas; seus únicos sonhos agora são compras e bons negócios. Tal pobreza e sordidez da alma são elementos inerentes à instituição do casamento. A única razão pela qual o Estado e a Igreja aprovam este ideal e não outro é simplesmente por que este é o ideal que requer o controle do Estado e da Igreja sobre a vida dos homens e mulheres.

Indubitavelmente ainda existem pessoas que consideram o amor superior a dólares e centavos. E isso é particularmente verdade para a classe daqueles cuja necessidade econômica forçou a que se autossustentassem. A tremenda mudança na posição da mulher operada por este poderoso fator é, de fato, fenomenal quando refletimos que há apenas um curto período do ingresso da mulher na arena industrial. Seis milhões de trabalhadoras assalariadas; seis milhões de mulheres com os mesmos direitos dos homens; direito de ser explorada, roubada e direito de declarar greve; e o pior, o mesmo direito de passar fome. Mais alguma coisa, *senhor*? Sim, seis milhões de trabalhadoras nos mais diversos postos, dos mais elevados trabalhos intelectuais às minas e ferrovias, inclusive entre detetives e policiais. Certamente, a emancipação é completa.

Apesar disso tudo, só um número muito pequeno do vasto exército de trabalhadoras enxerga o seu trabalho como situação permanente na mesma luz que um homem o faz. Não importa quão decrépito este último o seja, ele foi ensinado a ser independente, a se autossustentar. Ah! Mas ninguém é realmente independente em nosso moinho econômico; assim mesmo, o mais miserável espécime de homem odiaria ser um parasita ou, pelo menos, ser reconhecido como tal.

A mulher considera sua situação de trabalhadora transitória, prestes a ser largada com o aparecimento do primeiro pretendente. Este é o porquê de ser infinitamente mais difícil organizar mulheres do que homens. “Por que me filiar a um sindicato? Vou me casar, ter um lar”. Desde a infância não lhe foi ensinado a enxergar isso como sua convocação última? Mas ela prontamente descobre que

apesar de não tão espaçosa quanto a prisão da fábrica, o lar possui grades e portões ainda mais férreos. E um guarda tão fiel a qual nada pode passar despercebido. E a parte mais trágica, contudo, é que o lar não a liberta da escravidão assalariada; apenas redobra seus afazeres.

De acordo com as mais recentes estatísticas submetidas ao Comitê “à propósito do trabalho, salários e congestão da população”, só em Nova York, 10% das assalariadas são casadas, ainda que continuem nos trabalhos mais mal remunerados do mundo. Some a essa visão horrível o peso do serviço doméstico e diga-me agora o que resta de toda a proteção e glória do lar? Como matéria de fato, nem a garota classe média pode falar de um lar no casamento, desde que é o homem que cria sua esfera. Aqui não é tão importante se o marido é carinhoso ou grosseiro. O que desejo mostrar é que o casamento só garante um lar à mulher graças ao marido. Ela gira em torno do lar *dele*, ano após ano, até que sua visão de mundo e relações humanas torne-se tão rasa, tão estreita e entediante quanto seu entorno. Pouco admira se ela se torna reclamona, trivial, briguenta, fofqueira, insuportável, desse modo, espantando o homem da casa. Mesmo se ela quisesse, não poderia partir; pois não há para onde ir. Além do que, um curto prazo de vida conjugal, da mais completa rendição de todas as faculdades, incapacita totalmente a mulher para o mundo exterior. Ela se torna indiferente à aparência, desajeitada em seus movimentos, dependente em suas decisões, covarde em seus julgamentos, um verdadeiro fardo e um aborrecimento cuja maioria dos homens estão acostumados a odiar e a desprezar. Mas que atmosfera magicamente inspiradora para o desenrolar da vida, não é mesmo?

Mas e a criança, como será protegida sem o casamento? Afinal de contas, não é esta a consideração mais importante? Quanta farsa, quanta hipocrisia! O casamento protege a criança, mas temos milhares de crianças abandonadas. O casamento protege a criança, mas nossos orfanatos e reformatórios estão lotados, e a *Sociedade pela Prevenção de Crueldade a Criança*<sup>4</sup> sempre ocupada no resgate das pequenas vítimas dos cuidados “amorosos” dos seus pais, no entanto, não pode mais do que confiá-las aos cuidados ainda mais amorosos da *Gerry Society*. Ah! Mas que piada!

O casamento pode até levar o cavalo à água, mas conseguirá obrigá-lo a beber? A lei pode levar o pai à detenção, trajá-lo com uniforme penitenciário; mas alguma vez já foi capaz de matar a fome do filho? Se o pai não tem emprego ou se oculta a identidade, que faz, então, o casamento? Invoca a lei para levá-lo a “justiça”, prendê-lo em segurança atrás das grades; seu trabalho<sup>5</sup>, entretanto, não segue para a criança, mas para o Estado. A criança só recebe uma lembrança enferrujada das listras de seu pai.

Com relação à proteção da mulher — aqui reside a verdadeira maldição do casamento. Ele não a protege, em absoluto, e essa ideia mesma é tão revoltante quanto um ultraje ou um insulto à vida, tamanha degradação que o casamento inflige à dignidade humana é suficiente para condená-lo eternamente como uma instituição parasitária.

Tal como aquele outro arranjo paternalista — o capitalismo. Rouba do homem os seus direitos, atrapalha o seu crescimento, envenena o seu corpo, submete-o à ignorância, à pobreza, à dependência, e eis então que aparece promovendo caridades que florescem sobre os últimos vestígios do auto respeito humano.

---

<sup>4</sup> N.T.: Referência a New York Society for the Prevention of Cruelty to Children, a primeira instituição dedicada à “proteção do menor” nos E.U.A., em atividade desde 1874. Gerry Society é apenas outro modo de referir-se à mesma instituição.

<sup>5</sup> Referência à prática de trabalho forçado nas penitenciárias dos E.U.A.



A instituição do casamento transforma a mulher numa completa parasita, uma dependente absoluta. Incapacita-a para a luta da vida, aniquila sua consciência social, paralisa sua imaginação, e eis então que aparece para conceder sua graciosa proteção, que na verdade é um ardil.

Se a maternidade é a mais elevada realização da natureza da mulher, que outra proteção precisaria além de amor e liberdade? O casamento só contamina, ultraja, e corrompe esta realização. Não é ele quem diz à mulher: darás à luz somente se me seguires? Não é ele quem degrada e humilha a mulher quando ela se recusa a vender junto consigo seu direito à maternidade? Não é o casamento apenas a sanção da maternidade, ainda que a criança seja concebida em ódio, em compulsão? Mas quando a maternidade é fruto da livre escolha, do amor, do êxtase, da paixão desafiante, não é ele mesmo, o casamento, que coloca uma coroa de espinhos numa efígie inocente, e grafa-lhe em letras de sangue o hediondo epíteto de Bastardo? Ainda que o casamento contivesse todas as virtudes alegadas, seus crimes contra a maternidade bastariam para excluí-lo eternamente do reino do amor.

Amor, o mais forte e profundo elemento de toda a vida, o mensageiro da esperança, da alegria, do êxtase; amor, o contestador de todas as leis, de todas as convenções; amor, o libérrimo e poderosíssimo modelador do destino humano; como pode uma força toda poderosa ser sinônima do casamento, qual pobre erva daninha cultivada pelo Estado e a Igreja?

Amor livre? Como se o amor pudesse ser outra coisa senão livre! O homem comprou cérebros, mas todos os cérebros do mundo foram incapazes de comprar o amor. O homem subjugou corpos, mas nenhum poder sobre a terra foi capaz de subjugar o amor. O homem conquistou nações inteiras, mas nenhum exército do mundo jamais conseguiu conquistar o amor. O homem agrilhou e acorrentou o espírito, mas diante do amor sucumbe absolutamente indefeso. Do alto dos tronos, diante de todo o esplendor e glória que o ouro pode comandar, pobre e desolado ainda é o homem que não conhece o amor. Mas quando o amor acontece, o casebre mais pobre é capaz de irradiar calor, cor e vida. E dessa forma, o amor possui o poder mágico de transformar um mendigo num rei. Sim, o amor é livre; não pode habitar outra atmosfera. Em liberdade doa-se sem reservas, abundantemente, completamente. Todas as leis nos estatutos, todos os tribunais do universo, não são capazes de extraí-lo da terra, uma vez que tenha firmado raízes. Contudo, se o solo é estéril, como poderia o casamento torná-lo fértil? Seria como a última batalha desesperada da vida contra a morte.

O amor não precisa de proteção; ele é sua própria proteção. Tão logo vidas sejam geradas pelo amor, nenhuma criança será desertada, passará fome ou carência afetiva. Que isto é verdade, bem o sei. Conheço mulheres que se tornaram mães em liberdade dos homens que amaram. Poucas crianças na relação gozam de todo cuidado, proteção e devoção que a maternidade livre é capaz de conceder.

Os defensores da autoridade temem o advento da maternidade livre, com receio de que ela subtraia-lhe as presas. Quem combateria nas guerras? Quem produziria as riquezas? Quem faria o papel do policial, do carcereiro, se a mulher se recusasse a reprodução indiscriminada de crianças? A raça, a raça! – grita o rei, o presidente, o capitalista, o padre. A raça deve ser preservada, mas a mulher degradada à mera máquina — e a instituição do casamento é nossa única válvula de segurança contra o pernicioso despertar sexual da mulher. No entanto, todos os frenéticos esforços para perpetuar este estado de sujeição foram em vão. Como em vão também o foram todos os éditos da Igreja, todos os ensandecidos ataques dos governantes, até mesmo dos braços da lei, tudo isso foi em vão. A mulher não deseja mais participar da reprodução de uma raça de seres humanos doentios, débeis, decrépitos, miseráveis, que não possuem nem a coragem nem a força moral para se libertarem do jugo de pobreza e escravidão de suas vidas. Pelo contrário, almeja poucos filhos, mas filhos superiores, gerados e criados pelo amor e a livre escolha; e não por obrigação, como imputa o casamento. Nossos falsos

moralistas ainda têm de aprender sobre o profundo senso de responsabilidade com a criança despertado no seio da mulher pelo amor em liberdade. É preferível renunciar para sempre a glória da maternidade do que dar à luz numa atmosfera em que se respira apenas destruição e morte. E se porventura ela tornar-se mãe, será para dar à criança o melhor e mais profundo que o seu ser pode oferecer. Crescer com a criança é o seu lema; e ela sabe que somente assim será capaz de construir a verdadeira masculinidade e a verdadeira feminilidade.

Ibsen deve ter vislumbrado uma mãe livre quando, num golpe de mestre, retratou Ms. Alving<sup>6</sup>. Ela foi uma mãe ideal, porque superou o casamento e todos os seus horrores, porque rompeu suas correntes e libertou o seu espírito para voar, até recobrar uma personalidade forte e regenerada. *Oh!* Mas já era tarde demais para recuperar sua alegria de viver, seu Oswald; mas não tarde demais para compreender que o amor em liberdade é o único requisito de uma vida bela. Aquelas que como Ms. Alving pagaram com sangue e lágrimas o preço do despertar espiritual, repudiam o casamento como uma imposição e uma piada de baixo nível, absolutamente sem graça. Elas sabem que apenas o amor, quer dure um breve espaço de tempo quer dure pela eternidade, é a única base criativa, inspiradora e elevada para uma nova raça e um novo mundo.

Em nosso presente *estado pigmeu*, para a maioria das pessoas o amor é, de fato, um estranho. Incompreendido e evitado, o amor raramente lança raízes, e quando insiste, prontamente seca e murcha. Suas delicadas fibras não suportam a tensão maçante do cotidiano. Sua alma é demasiadamente complexa para ajustar-se à trama viscosa do nosso tecido social. Ele sofre, chora e lamenta por todos aqueles que dele carecem, mas são incapazes de aceder aos cumes do amor.

Um dia... homens e mulheres alcançarão o pico da montanha, onde se encontrarão grandes, fortes e livres, totalmente prontos para receber, partilhar e refestelar-se nos raios dourados do amor. Que fantasia, que imaginação, que gênio poético, poderia entrever, ainda que aproximadamente, as potencialidades de tal força na vida de homens e mulheres. Se porventura o mundo der à luz ao verdadeiro companheirismo e união, não será o casamento, mas o amor a concebê-los.

Traduzido por: José Paulo Maldonado de Souza.

---

<sup>6</sup> Ms. Alving ou Srta. Alving é a protagonista da peça *Gengangere* (1881), traduzido em inglês como *Ghosts*, de Ibsen.

# MOTHER EARTH



# Ciúmes: Causas e uma possível cura

Ninguém em geral é capaz de uma intensa consciência interna, porque a vida sempre necessita de esperança para escapar da angústia mental e do sofrimento. O sofrimento, e muitas vezes o desespero, sobre a chamada característica eterna das coisas são a mais persistente companhia de nossas vidas. Mas eles não surgem em nós do exterior, através dos atos malignos de pessoas particularmente más. Eles são condicionados ao nosso próprio ser, de fato, eles estão interligados através de mil propostas e grossos fios com a nossa existência.

É absolutamente necessário que nós compreendamos esse fato, porque as pessoas que nunca se livram da noção de que sua desgraça é fruto da maldade dos outros nunca podem superar o ódio mesquinho e a malícia que constantemente acusa, condena e persegue os outros por algo que é inevitavelmente parte de si mesmos. Tais pessoas não irão subir para as alturas sublimes do verdadeiro humanista, para quem o bem e o mal, a moral e a imoral, são, portanto, termos limitados para o conflito interior das emoções humanas no mar da vida humana.

O filósofo “além do bem e do mal”, Nietzsche, é atualmente denunciado como criador de um ódio nacional e uma destruição metralhadora. Mas apenas maus leitores e maus estudantes o interpretam desta forma. “Além do bem e do mal” significa além do Ministério Público, além de fazer julgamentos, além de matar, etc. Além do Bem e do Mal se abre diante dos nossos olhos como uma visão do pano de fundo que é a afirmação individual, juntamente com a compreensão de todos aqueles que são o contrário de nós mesmos, que são diferentes.

Por isso eu não me refiro à tentativa desajeitada da democracia de regular as complexidades do caráter humano por meio da igualdade externa. A visão de “além do bem e do mal” aponta para a direita de si mesmo, à própria personalidade. Tais possibilidades não excluem a dor do caos da vida, mas excluem a justiça puritana que se insere no julgamento de todos os outros, exceto de si mesmo.

É auto evidente que a profundidade radical – muitos são superficiais, você sabe – deve aplicar esta profundidade ao reconhecimento humano da relação de amor e sexo. Emoções de amor e sexo estão entre as mais íntimas, intensas e sensíveis expressões do nosso ser. Elas são tão profundamente relacionadas às características físicas e psíquicas individuais como um carimbo em cada caso de amor como um caso independente, diferente de todos os outros casos de amor. Em outras palavras, cada amor é resultado das impressões e características que duas pessoas envolvidas dão a isso. Toda relação de amor deve, por sua própria natureza, permanecer como um caso absolutamente privado. Nem mesmo o Estado, a Igreja, a moralidade ou as pessoas devem mediar isso.

Infelizmente esse não é o caso. A mais íntima relação é submetida a proscricões, regulamentos e coerções; porém, esses fatores externos são absolutamente estranhos ao amor, e leva a eternas contradições e conflitos entre o amor e a lei.

O resultado disso é que nossa vida amorosa está imersa em corrupção e degradação. O “amor puro”, tão aclamado pelos poetas, é, no atual matrimônio, divórcio e disputas alienadas, um espécime raro. Com dinheiro, status social, e posição como critérios para o amor, a prostituição é quase inevitável, ainda que seja coberta pelo manto da legitimidade e da moralidade.

O mais permanente demônio da nossa mutilada vida amorosa é o ciúme, frequentemente descrito como “monstro de olhos verdes”, que mente, engana, trai e mata. O senso comum é de que o

ciúme é inato e, portanto, nunca poderá ser erradicado do coração humano. Essa ideia é uma desculpa conveniente para aqueles que não têm capacidade ou vontade para mergulhar dentro das causas e efeitos.

A angústia sobre um amor perdido, sobre o fio quebrado da continuidade do amor é, de fato, inerente ao nosso ser. O sofrimento emocional tem inspirado muitas letras sublimes, com olhares muito profundos e exaltação poética de Byron, Shelley, Heine e outros. Mas será que é possível comparar esta tristeza com o que comumente acontece no ciúme? Eles são tão diferentes como a sabedoria e a estupidez. Como o refinamento e a rudeza. Dignidade e coerção brutal. O ciúme é o oposto da compreensão, da simpatia, e dos sentimentos generosos. O ciúme nunca adicionou algo ao caráter, nunca fez o indivíduo grande e bom. O que ele realmente faz é torná-lo cego com fúria, mesquinho com suspeita, e duro de inveja.

Ciúme, as contorções que vemos nas tragédias e comédias matrimoniais, são invariáveis por um lado, intolerantemente acusadoras, convencidas da sua própria justiça e da maldade, crueldade e culpa da sua vítima. O ciúme nem mesmo tenta compreender. Seu único desejo é punir, e punir tão severamente quanto possível. Essa noção é incorporada ao código de honra, como representada em um duelo ou em uma lei não escrita. Um código que vai considerar que a sedução de uma mulher deve ser punida com a morte do sedutor. Mesmo onde a sedução não tomou lugar, onde ambos voluntariamente cederam ao desejo mais íntimo, a honra só é restaurada quando o sangue é derramado, seja do homem ou da mulher.

O Ciúme é obcecado pelo sentimento de possessão e vingança. Isto está de acordo com todas as outras leis de punição nos estatutos que ainda aderem à bárbara noção de que uma ofensa, muitas vezes meramente resultado de injustiças sociais, devem ser adequadamente punidas ou vingadas.

Um argumento muito forte contra o ciúme pode ser encontrado nos dados de historiadores como Morgan, Reclus e outros, como sobre as relações sexuais dos povos primitivos. Qualquer um que esteja familiarizado com suas obras sabe que a monogamia é uma forma de sexo que surgiu muito mais tarde, como resultado da domesticação e da propriedade das mulheres, e que criou o monopólio do sexo e o inevitável sentimento de ciúme.

No passado, quando homens e mulheres se misturaram livremente sem a interferência da lei e da moralidade, não poderia existir ciúme, porque este repousa sobre a suposição de que certo homem tem o monopólio exclusivo sobre o sexo de determinada mulher e vice-versa. No momento em que ninguém visa transgredir este preceito sagrado, o ciúme está em pé de guerra. Sob tais circunstâncias, é ridículo dizer que o ciúme é perfeitamente natural. Fatidicamente, se trata de um resultado artificial de uma causa artificial, nada mais.

Infelizmente não são apenas os casamentos conservadores que são afetados pelo ciúme com a noção de monopólio sexual; as chamadas uniões livres também são vítimas dele. O argumento provavelmente levantado é que isto é mais uma prova de que o ciúme é um traço inato. Mas é preciso ter em mente que o monopólio sexual tem sido transmitido de geração em geração como um direito sagrado e como a base da pureza da família e do lar. E assim como a Igreja e o Estado aceitam o monopólio sexual como a única segurança para o vínculo matrimonial, eles têm justificado o ciúmes como uma arma legítima de defesa para a proteção do direito de propriedade.

Agora, se é verdade que muitas pessoas superaram a legalidade do monopólio do sexo, elas não superaram as suas tradições e hábitos. Por isso, elas se tornaram tão cegas pelo “monstro de olhos verdes” quanto seus vizinhos conservadores no momento em que os seus bens estão em jogo.

Um homem ou uma mulher livre e grande o suficiente para não interferir ou inquietar-se sobre as outras atrações da pessoa amada são com certeza desprezados por seus amigos conservadores, e ridicularizados por seus amigos radicais. Ele também será acusado de ser um degenerado ou um covarde; e frequentemente alguns motivos materiais mesquinhos serão imputados a ele. De qualquer forma, esses homens e mulheres serão alvo de fofocas ou piadas grosseiras ou imundas por nenhuma outra razão além do fato deles admitirem ao marido, esposa ou amantes o direito de seus próprios corpos e sua expressão emocional, sem fazer cenas de ciúmes ou ameaças selvagens para matar o intruso.

Há outros fatores no ciúme: o conceito do macho e da inveja do feminino. O macho em matéria sexual é um impostor, um fanfarrão, que sempre se orgulha de suas façanhas e do sucesso com as mulheres. Ele insiste em desempenhar o papel de um conquistador, já que ele foi informado de que as mulheres querem ser conquistadas, e que elas gostam de ser seduzidas. Sentindo-se o único galo do curral, ou o touro que deve confrontar com seus chifres a fim de ganhar a vaca, ele se sente mortalmente ferido na sua vaidade e arrogância no momento em que um rival entra em cena – a cena, mesmo entre os chamados homens refinados, continua a ser o amor sexual da mulher, que deve pertencer a apenas um mestre.

Em outras palavras, o monopólio do sexo em perigo, juntamente com a vaidade do homem ultrajado, em 99 de cada cem casos são os antecedentes do ciúme.

No caso de uma mulher, o medo econômico por si mesma e pelas crianças e sua inveja mesquinha de todas as outras mulheres que ganham graça aos olhos do seu defensor, invariavelmente, criam ciúme. Em justiça, foi dito para as mulheres durante os séculos passados, que a atração física era seu único estoque na negociação, portanto, ela deve se tornar necessariamente invejosa do charme e do valor de outras mulheres como uma ameaça ao seu poder sobre sua propriedade preciosa.

O aspecto grotesco de toda a questão é que os homens e as mulheres geralmente criam uma inveja violenta daqueles que realmente não se importam muito sobre isso. Portanto, não é o seu amor ultrajado, mas a sua vaidade e inveja indignada que clamam contra esse “terrível erro”. É provável que a mulher nunca amou o homem de quem ela agora suspeita e espiona. Provavelmente ela nunca fez um esforço para manter o seu amor. Mas no momento em que uma concorrente chega, ela começa a valorizar sua propriedade sexual para defendê-la de forma que nenhum meio é muito desprezível ou cruel.

Obviamente, então, o ciúme não é o resultado do amor. Na verdade, se fosse possível investigar mais casos de ciúmes, provavelmente descobririam que quanto mais violento e desprezível é o seu ciúme, menos as pessoas estão imbuídas de um grande amor. Duas pessoas vinculadas por harmonia interior e unidade não têm medo de prejudicar a sua confiança mútua e segurança, se um ou outro tem atrações externas, nem irão terminar seu relacionamento em inimizade vil, como é muitas vezes o caso de muitas pessoas. Muitos deles não são capazes, nem se deve esperar que sejam, de incluir a escolha da pessoa amada na intimidade de suas vidas, mas isso não os dá qualquer direito de negar a necessidade da atração.

Assim como eu discutirei variedade e monogamia duas semanas a partir de hoje à noite, não me deterei nisso, nem aqui, exceto para dizer que olhar as pessoas que podem amar mais de uma pessoa de forma tão perversa ou anormal é ser muito ignorante mesmo. Eu já discuti uma série de causas para o ciúme, a qual devo acrescentar a instituição do casamento que o Estado e a Igreja proclamam como “o vínculo até a morte”. Isso é aceito como o ético modo correto de vida e a ação correta.

Com amor, em toda a sua variabilidade e mutabilidade, restringido e apertado, não é de admirar que o ciúme surja dele. Que outra coisa senão mesquinhez, avareza, suspeita e rancor pode surgir quando um homem e uma mulher são oficialmente mantidos juntos com a fórmula “a partir de agora vocês são um em corpo e espírito.” Basta manter qualquer casal amarrado de tal maneira, dependentes um do outro para cada pensamento e sentimento, sem um interesse ou desejo externo, e se perguntar se tal relação não deve tornar-se odiosa e insuportável com o tempo.

De uma forma ou outra os grilhões são quebrados, e como as circunstâncias que permitem fazê-lo são geralmente baixas e degradantes, não é de surpreender que eles coloquem em jogo os mais deteriorados e malvados traços e motivos humanos.

Em outras palavras, a interferência legal, religiosa e moral são os pais do nosso atual amor e vida sexual não naturais, e a partir disso o ciúme cresceu. Esse é o chicote que açoita e tortura os pobres mortais por causa de sua estupidez, ignorância e preconceito.

Mas ninguém precisa tentar justificar-se em terra por ser uma vítima destas condições. É bem verdade que todos nós inteligentes estamos sob os fardos dos arranjos sociais injustos, sob coerção e cegueira moral. Mas não somos indivíduos conscientes, cujo objetivo é trazer a verdade e a justiça aos assuntos humanos? A teoria de que o homem é um produto de condições levou apenas à indiferença e a um fraco consenso sobre essas condições. Ainda que todos saibam que a adaptação a um modo de vida não saudável e injusto só fortalece a ambos, enquanto o homem, o chamado “coroa de toda a criação”, equipado com uma capacidade de pensar e ver e, acima de tudo, para empregar os seus poderes de iniciativa, cresce cada vez mais fraco, mais passivo, mais fatalista.

Não há nada mais terrível e fatal do que escavar dentro das vísceras de um de seus entes queridos e de si mesmo. Isso só pode ajudar a rasgar os fiapos de afeto que ainda são inerentes à relação e, finalmente, trazer-nos até a última trincheira, que tenta combater o ciúme, ou seja, a aniquilação do amor, amizade e respeito.

O ciúme é realmente um meio pobre para proteger o amor, mas é um meio seguro para destruir o auto respeito. Para pessoas ciumentas, como “drogas-demônios”, rebaixa ao nível mais baixo e, no final, inspira apenas desgosto e repugnância.

A angústia pela perda de um amor ou por um amor não correspondido entre as pessoas que são capazes de pensamentos elevados e finos jamais fará uma pessoa se tornar rude. Aqueles que são sensíveis e finos apenas devem perguntar-se se podem tolerar qualquer tipo de relação obrigatória, e um enfático “não” seria a resposta. Mas a maioria das pessoas continua a viver próximas umas das outras, apesar de terem a muito tempo deixado de viverem umas com as outras – uma vida fértil o suficiente para a operação do ciúme, cujos métodos percorrem todo o caminho desde abrir a correspondência privada até o assassinato. Comparado com tais horrores, adultério aberto parece um ato de coragem e libertação.

Um escudo forte contra a vulgaridade do ciúme é que o homem e a mulher não são um só em corpo e espírito. Eles são dois seres humanos, com temperamentos diferentes, sentimentos e emoções. Cada um é um cosmos pequeno em si mesmo, absorto em seus próprios pensamentos e ideias. Isso é glorioso e poético se estes dois mundos se encontram em liberdade e igualdade. Mesmo que isso dure pouco tempo, já valerá a pena. Mas, no momento em que os dois mundos são forçados a ficar juntos, toda a beleza e o perfume cessam e nada mais que folhas mortas permanecem. Quem compreende

esta obviedade irá considerar o ciúme como algo abaixo de si e não permitirá que isso seja pendurado como uma espada de Dâmocles sobre ele<sup>7</sup>.



Todos os amantes fazem bem ao deixarem as portas do seu amor aberto. Quando o amor pode ir e vir sem medo de encontrar um cão de guarda, o ciúme raramente irá criar raízes porque ele vai aprender rapidamente que onde não há fechaduras e chaves, não há lugar para a suspeita e desconfiança, dois elementos sobre os quais o ciúme cresce e prospera.

Traduzido por: <https://amoryanarquia.wordpress.com/2012/01/19/ciumes-causas-e-uma-possivel-cura-emma-goldman/>

---

<sup>7</sup> Referência ao protagonista de uma “anedota moral” do historiador grego Timeu de Tauromênio (356 – 260 a.C.). A espada de Dâmocles é uma alusão frequentemente usada para remeter a este conto, representando a insegurança daqueles que possuem grande poder (devido à possibilidade deste poder lhes ser tomado de repente) ou, mais genericamente, a qualquer sentimento de danação iminente.



# Tráfico de mulheres

Nossos reformadores de repente fizeram uma grande descoberta – o tráfico de escravas brancas. Os jornais estão repletos dessas “condições de que nunca se ouviu falar” e os legisladores já estão planejando uma nova batelada de leis para conter o horror.

É significativo que quando se quer desviar o interesse público de algum problema social importante, se inaugure uma cruzada contra a indecência, o jogo, os bares, etc. E o que resulta de tais cruzadas? O jogo está crescendo, os bares estão ampliando seu negócio por baixo do pano, a prostituição está em alta, e o sistema de cafetões só está aumentando.

Como é que uma instituição, conhecida por qualquer criança, teria sido descoberta assim tão de repente? Como é que esse mal, conhecido por todos os sociólogos, torna-se agora uma questão tão importante?

Supor que as pesquisas recentes sobre o tráfico de escravas brancas (e, diga-se de passagem, pesquisas muito superficiais) tenham descoberto algo de novo, é, para dizer o mínimo, muito tolo. A prostituição tem sido, e é, um mal bastante espalhado, e, não obstante, os humanos têm continuado a seguir adiante, inteiramente indiferentes aos sofrimentos e aflições das vítimas da prostituição. De fato, tão indiferente quanto os humanos têm sido em relação ao nosso sistema industrial, ou em relação à prostituição econômica.

Somente quando os sofrimentos humanos se tornam brinquedos de cores brilhantes é que o povo-bebê se interessa – pelo menos por algum tempo. O povo é um bebê muito instável, que precisa de brinquedos novos todos os dias. Esse grito “correto” contra o tráfico de escravas brancas é um desses brinquedos que serve para divertir o povo por um tempo curto, e que vai ajudar a criar mais alguns gordos trabalhos políticos – parasitas que perambulam empertigados pelo mundo como inspetores, investigadores, detetives e assim por diante.

Qual é realmente a causa do comércio de mulheres? Não apenas de mulheres brancas, mas também mulheres amarelas e negras também. Exploração, é claro; o impiedoso Moloch<sup>8</sup> do capitalismo que engorda com o trabalho mal pago, levando assim milhares de mulheres e garotas à prostituição. Como a senhora Warren, essas garotas pensam – “Por que desperdiçar sua vida trabalhando por alguns centavos por semana na lavagem de pratos e panelas, dezoito horas por dia?”<sup>9</sup>

Nossos reformadores, naturalmente, nada dizem a respeito dessa causa. Eles a conhecem bastante bem, mas não vale a pena dizer algo a respeito disso. É mais lucrativo bancar o fariseu, fingir uma moralidade ultrajada, do que ir à raiz das coisas.

Existe, no entanto, uma exceção louvável entre os jovens escritores: Reginald Wright Kauffman, cujo trabalho *The House of Bondage* (A Casa da Servidão) é a primeira tentativa séria de tratar do mal social – e não de uma perspectiva sentimental filisteia. Um jornalista com ampla experiência, o senhor

---

<sup>8</sup> N.E.: Moloch, Moloc ou Moloque é o nome do deus ao qual os amonitas, uma etnia de Canaã (povos presentes na península arábica e na região do Oriente Médio), cultuavam. Também é o nome de um demônio na tradição cristã e cabalística.

<sup>9</sup> N.T.: *Mrs Warren's Profession* (A profissão da Senhora Warren), peça de George Bernard Shaw sobre a prostituição que foi inicialmente proibida na Inglaterra e interrompida pela polícia quando encenada em New York em 1905.

Kauffman prova que nosso sistema industrial não oferece para a maioria das mulheres qualquer alternativa a não ser a prostituição. As mulheres retratadas em *The House of Bondage* pertencem à classe trabalhadora. Se o autor tivesse retratado a vida de mulheres em outras esferas, ele teria encontrado o mesmo tipo de situação.

Em nenhum lugar a mulher é tratada de acordo com o mérito de seu trabalho, mas apenas como sexo. Portanto, é quase inevitável que ela deva pagar por seu direito a existir, a manter uma posição seja onde for, com favores sexuais. Assim, é apenas uma questão de grau se ela vende a si mesma a apenas um homem, dentro ou fora do matrimônio, ou a vários homens. Quer os nossos reformadores o admitam ou não, a inferioridade econômica e social da mulher é a responsável pela prostituição.

No momento atual, nosso bom povo está chocado com a revelação de que, apenas na cidade de Nova York, uma entre cada dez mulheres trabalha numa fábrica, que a média do salário recebido pelas mulheres seja de seis dólares por semana, por 48 a 60 horas de trabalho, e que a maioria das trabalhadoras enfrentem vários meses de inatividade, o que faz com que a média salarial seja de 280 dólares por ano. Em vista desses horrores econômicos, é de se admirar que a prostituição e o tráfico de escravas brancas tenham se tornado fatores tão dominantes?

Para que os números acima não pareçam exagerados, é bom examinar o que alguns especialistas sobre prostituição têm a dizer:

Uma causa fértil da depravação feminina pode ser encontrada em várias tabelas que mostram a descrição dos empregos buscados, e dos salários recebidos, pelas mulheres antes de sua queda, e é uma questão para os economistas políticos decidirem o quanto meras considerações de negócios devam ser uma desculpa – de parte dos empregadores - para uma redução de seus índices de remuneração, e se a economia de uma pequena porcentagem de salários não é mais do que contrabalançada pela enorme quantia de taxas impostas ao público mais amplo para compensar as despesas feitas graças a um sistema de vício *que é, em muitos casos, o resultado direto de uma compensação insuficiente pelo trabalho honesto.*<sup>10</sup>

Nossos reformadores contemporâneos fariam bem em ler o livro do Dr. Sanger. Lá eles descobrirão que entre os dois mil casos observados por ele, apenas uns poucos se originaram da classe média, com condições estáveis, ou lares agradáveis. A ampla maioria era de garotas e mulheres trabalhadoras, algumas levadas à prostituição pela penúria, outras por causa de uma vida cruel e arruinada em casa, e mais outras ainda por causa de uma natureza física frustrada e aleijada (da qual falarei adiante). Seria bom também que vigilantes da pureza e da moralidade aprendessem que entre os dois mil casos, 490 eram de mulheres casadas, mulheres que viviam com seus maridos. Evidentemente, não havia muita garantia para sua “segurança e pureza” na santidade do casamento.<sup>11</sup>

O Dr. Alfred Blaschko, em *Prostitution in the Nineteenth Century* (A Prostituição no Século XIX), é ainda mais enfático na caracterização das condições econômicas como um dos fatores mais importantes da prostituição.

---

<sup>10</sup> Dr. Sanger, *The History of Prostitution*.

<sup>11</sup> É significativo que o livro do Dr. Sanger tenha sido excluído do correio dos Estados Unidos. Evidentemente, as autoridades não estão ansiosas para que o público seja informado sobre a verdadeira causa da prostituição.

Embora a prostituição tenha existido em todas as épocas, foi no século XIX que ela se tornou uma instituição social gigantesca. O desenvolvimento da indústria, com vastas massas de pessoas no mercado competitivo, o crescimento e congestionamento das grandes cidades, a insegurança e incerteza do emprego, deram à prostituição um impulso nunca antes sonhado em nenhum período da história humana.



E Havelock Ellis, embora não tão definitivo ao tratar do fator econômico, é ainda assim levado a admitir que ele é, direta e indiretamente, sua causa principal. Ele descobriu assim que uma ampla porcentagem de prostitutas é recrutada na classe das empregadas domésticas, ainda que elas tenham menos cuidado e maior segurança. Por outro lado, o senhor Ellis não nega que a rotina diária, o trabalho pesado, a monotonia da vida da empregada doméstica, e especialmente o fato de que ela poderá nunca ter o companheirismo e a alegria de um lar, não é um fator a ser negligenciado no impulso para que ela busque lazer e esquecimento na alegria e no brilho da prostituição. Em outras palavras, a empregada doméstica, sendo tratada como uma faz tudo, nunca tendo direito sobre si mesma, e esgotada pelos caprichos de sua patroa, pode encontrar uma saída, assim como a garota vendedora de loja, ou trabalhadora fabril, apenas na prostituição.

O aspecto mais interessante da questão posta agora frente ao público é a indignação de nosso “bom e respeitável público”, particularmente os variados cavalheiros cristãos, sempre nas fileiras de frente de qualquer cruzada. Será porque sejam absolutamente ignorantes a respeito da história da

religião, e, especialmente, da religião cristã? Ou será que esperam tornar a geração atual cega em relação ao papel representado pela Igreja, no passado, na prostituição? Seja qual for a sua razão, eles deveriam ser os últimos a gritar contra as infelizes vítimas de hoje, já que qualquer estudioso inteligente sabe que a prostituição tem uma origem religiosa, mantida e expandida durante vários séculos, não como uma vergonha, mas como uma virtude, exaltada como tal pelos próprios deuses.

Parece que a origem da prostituição deve ser encontrada primeiramente num costume religioso, a religião, grande mantenedora da tradição social preservando-a de maneira transformada como uma liberdade primitiva que estava se perdendo na vida social em geral. O exemplo típico é registrado por Heródoto, no quinto século antes de Cristo, no Templo de Lylitta, a Vênus babilônica, no qual todas as mulheres, uma vez na sua vida, deveriam visitar e entregar-se ao primeiro estranho que atirasse uma moeda em seu colo, em honra da deusa. Costumes semelhantes existiam em outras partes da Ásia ocidental, no Norte da África, em Chipre, e em outras ilhas do leste do Mediterrâneo, e também na Grécia, onde o templo de Afrodite, no forte de Corinto, contava com mais de mil servas sagradas, dedicadas ao serviço da deusa.

A teoria de que a prostituição religiosa se desenvolveu, de maneira geral, a partir da crença de que a atividade gerativa dos seres humanos tinha uma influência misteriosa sagrada na promoção da fertilidade da natureza, é mantida por todos os escritores especialistas sobre o assunto. No entanto, gradualmente, e a partir de quando a prostituição se tornou uma instituição organizada, sob a influência dos sacerdotes, a prostituição religiosa desenvolveu aspectos utilitários, ajudando a ampliar a renda pública.

O crescimento do cristianismo como um poder político pouco alterou tal política. Os sacerdotes líderes da Igreja toleravam a prostituição. Bordéis com proteção municipal foram encontrados no século XIII. Eles eram uma espécie de serviço público, seus diretores sendo considerados quase como servidores públicos.<sup>12</sup>

Deve-se acrescentar a isso o seguinte, vindo do trabalho do Dr. Sanger:

O Papa Clemente II editou uma bula pela qual as prostitutas seriam toleradas se pagassem uma certa quantia de seus ganhos para a Igreja.

O Papa Sixtus IV foi mais prático – de um único bordel, que ele mesmo havia construído, recebeu uma renda de vinte mil ducados.

Nos tempos modernos, a Igreja é um pouco mais cuidadosa em relação a isso. Pelo menos, não pede abertamente o tributo de prostitutas. Parece achar mais lucrativo investir em terras, como a Trinity Church, por exemplo, que aluga armadilhas fatais a preços exorbitantes para os que vivem da prostituição.

Ainda que eu quisesse, teria pouco espaço para falar da prostituição no Egito, na Grécia, em Roma, e na Idade Média. A situação nesse último período é particularmente interessante, já que a prostituição era organizada em guildas<sup>13</sup>, chefiadas por uma rainha dos bordéis. Essas guildas usavam

---

<sup>12</sup> Havelock Ellis, *Sex and Society*.

<sup>13</sup> N.E.: Associação que agrupava, em certos países da Europa durante a Idade Média, indivíduos com interesses comuns (negociantes, artesãos, artistas) e visava proporcionar assistência e proteção aos seus membros.

greves como um modo de melhorar suas condições e de manter um preço fixo. Com certeza, esse é um método mais prático do que o usado pela sociedade moderna, escrava do salário.

Seria unilateral e extremamente superficial afirmar que o fator econômico é a única causa da prostituição. Há outros, não menos importantes e vitais. Esses também são conhecidos dos nossos reformadores, que ousam ainda menos discuti-los do que discutir a instituição que sabota a própria vida tanto de homens quanto de mulheres. Refiro-me à questão sexual, cuja mera menção causa espasmos morais na maioria das pessoas.

É um fato sabido que a mulher é criada como uma mercadoria, ainda que seja mantida em absoluta ignorância sobre o significado e a importância do sexo. Tudo o que diz respeito a esse assunto é suprimido e as pessoas que tentam iluminar essa terrível escuridão são perseguidas e atiradas na prisão. No entanto, apesar de tudo, é verdade que se uma garota é mantida na ignorância sobre como cuidar de si mesma, desconhecendo a função da parte mais importante de sua vida, não deveríamos nos surpreender se ela se torna uma presa fácil da prostituição, ou de qualquer outra forma de relação que a degrade à posição de objeto de mera gratificação sexual.

É devido a essa ignorância que toda a vida e natureza da garota são frustradas e aleijadas. Faz muito tempo que aceitamos como auto evidente que o jovem pode seguir o chamado natural, isto é, que o jovem pode, tão logo sua natureza sexual se afirme, satisfazer essa natureza, mas nossos moralistas ficam escandalizados com a mera ideia de que a natureza de uma garota possa afirmar-se. Para o moralista, a prostituição não consiste tanto no fato de que a mulher venda seu corpo, mas antes, que ela o venda fora do casamento. Que isso não é uma mera suposição é comprovado pelo fato de que o casamento baseado em considerações monetárias é perfeitamente legítimo, santificado pela lei e pela opinião pública, ao passo que qualquer outra união é condenada e repudiada. No entanto, uma prostituta, adequadamente definida, é nada mais do que “qualquer pessoa para a qual a relação sexual esteja subordinada ao ganho”.<sup>14</sup>

“São prostitutas as mulheres que vendem seus corpos para o exercício do ato sexual e fazem disso sua profissão”.<sup>15</sup>

De fato, Banger vai além, e mantém que o ato de prostituição é “intrinsecamente igual ao de um homem ou uma mulher que contrate um casamento por razões econômicas.”

O casamento, é claro, é o objetivo de qualquer garota, mas já que milhares de garotas não podem se casar, nossos costumes sociais estúpidos as condenam ou a uma vida de celibatária ou à



<sup>14</sup> Guyot, *La Prostitution*.

<sup>15</sup> Banger, *Criminalité et Condition Economique*.

prostituição. A natureza humana afirma-se independente de todas as leis, e não há qualquer razão plausível pela qual a natureza devesse se adaptar a uma concepção perversa de moralidade.

A sociedade considera as experiências sexuais de um homem como atributos de seu desenvolvimento geral, ao passo que experiências similares na vida de uma mulher são vistas como uma terrível calamidade, a perda da honra e de tudo o que é nobre e bom num ser humano. Esse duplo padrão de moralidade teve uma não pequena parte na criação e perpetuação da prostituição. Ele implica na manutenção da ignorância absoluta dos jovens a respeito de questões sexuais, cuja alegada “inocência”, acoplada a uma natureza sexual exacerbada e sufocada, ajuda a criar uma situação que nossos puritanos estão tão ansiosos para evitar ou prevenir.

Não que a gratificação do sexo deva levar à prostituição; é a perseguição criminal, cruel, desalmada, daqueles que ousam se afastar do caminho conhecido que é a responsável por ela.

Garotas, meras crianças, trabalham em salas superaquecidas e lotadas, de dez a doze horas por dia, numa máquina, o que tende a mantê-las num estado constante de super excitação sexual. Muitas dessas garotas não têm lar ou confortos de qualquer espécie; assim, a rua, ou qualquer lugar de diversão barata são as únicas maneiras de esquecer sua rotina diária. Isso naturalmente as põe em contato íntimo com o sexo oposto. É difícil dizer qual desses dois fatores causam um clímax na condição de super excitação sexual das garotas, mas é certamente a coisa mais natural que se atinja um clímax. Esse é o primeiro passo em direção à prostituição. A garota não deve ser vista como responsável por isso. Ao contrário, isso é em geral culpa da sociedade, culpa da nossa falta de compreensão, de nossa falta de avaliação sobre a criação da vida; é culpa, especialmente, de nossos moralistas, que condenam uma garota por toda a eternidade porque ela se afastou do “caminho da virtude”; isto é, porque sua primeira experiência sexual ocorreu sem a sanção da igreja.

A garota se sente como uma marginal, com as portas do lar e da sociedade fechadas na sua cara. Sua socialização e tradição é tal que ela própria se sente depravada e decaída, e assim não tem terreno para se pôr de pé, ou qualquer apoio que a levante, ao invés de empurrá-la para baixo. Assim, a sociedade cria as vítimas das quais depois se esforça em vão por se livrar. O homem mais mesquinho, depravado e decrépito, ainda se considera bom demais para tomar por esposa a mulher cujas graças ele estava perfeitamente disposto a comprar, mesmo que ele pudesse assim salvá-la de uma vida de horror. Ela tampouco pode recorrer à sua própria irmã por ajuda. Em sua estupidez, essa se auto avalia como muito pura e muito casta, sem perceber que sua posição é, em vários aspectos, até mesmo mais deplorável do que a da sua irmã da sarjeta.

A esposa que se casa por dinheiro, comparada com a prostituta [diz Havelock Ellis] é a verdadeira praga. Ela é mais mal paga, dá muito mais em troca, com seu trabalho e cuidados, e é absolutamente dependente de seu senhor. A prostituta nunca abdica de seus direitos sobre si mesma, mantém sua liberdade e direitos pessoais, e tampouco submete-se sempre aos abraços de um homem.

A mulher melhor-do-que-você também não entende a observação apologética de Lecky de que

embora ela possa ser o supremo tipo de vício, ela é também a mais eficiente guardiã da virtude. Se não fosse por ela, os lares felizes seriam poluídos e práticas não naturais e perigosas seriam abundantes.

Os moralistas estão sempre prontos para sacrificar metade da espécie humana em nome de alguma instituição miserável da qual não podem escapar. Na verdade, a prostituição não é a salvaguarda da pureza do lar, nem as rígidas leis são uma salvaguarda contra a prostituição. Cerca de cinquenta por cento dos homens casados são clientes de bordéis. É pela via desse elemento virtuoso que as mulheres casadas – e até as crianças – são infectadas com doenças venéreas. No entanto, a sociedade não tem uma palavra de condenação para o homem, ao passo que nenhuma lei é tão monstruosa que não possa ser posta em ação contra a vítima indefesa. Ela não é apenas a presa daqueles que a usam, mas também está inteiramente à mercê de qualquer policial ou detetive miserável que a persiga, dos policiais nas delegacias, e das autoridades em qualquer prisão.

Num livro recente, de uma mulher que foi durante doze anos a dona de uma “casa”, constam os números seguintes: “As autoridades me obrigavam a pagar todos os meses uma multa entre 14,70 e 29,70 dólares; as garotas pagavam entre 5,70 e 9,70 dólares para a polícia.” Considerando-se que a autora exercia seu negócio numa cidade pequena, que o montante que ela registra não inclui multas e subornos extras, pode-se observar com clareza os enormes ganhos que o departamento de polícia extrai do dinheiro sangrento de suas vítimas, as quais nem sequer protege. E aí de quem recuse pagar pedágio; elas serão arrebanhadas como gado

nem que seja para mostrar serviço para os bons cidadãos da cidade, ou caso os poderosos precisem de dinheiro ilegal extra. Para as mentes deformadas que acreditam que uma mulher decaída é incapaz de emoção humana, seria impossível perceber a tristeza, a desgraça, as lágrimas, o orgulho ferido, que nos acometia cada vez que éramos recolhidas.

Não é estranho que uma mulher que foi dona de uma “casa” possa sentir-se assim? Mais estranho ainda que um bom mundo cristão sangre e tosquie tais mulheres e nada lhes dê em troca a não ser calúnias e perseguição. Ah! A caridade do mundo cristão!

Muita ênfase tem sido posta sobre a importação de escravas brancas pela América. Como a América poderia jamais manter sua virtude se a Europa não a ajudasse? Não vou negar que isso ocorra em alguns casos, nem que existam emissários da Alemanha e de outros países atraindo escravas econômicas para a América; mas nego peremptoriamente que a prostituição seja recrutada na Europa de modo significativo. Pode ser verdade que a maioria das prostitutas na cidade de New York seja estrangeira, mas isso é porque a maioria da população é estrangeira. Se formos a outras cidades americanas, a Chicago ou ao Meio-Oeste, descobriremos que o número de prostitutas estrangeiras é de longe uma minoria.

Igualmente exagerada é a crença de que a maioria das garotas de rua dessa cidade estivesse engajada nesse negócio antes de vir para a América. A maior parte das garotas fala um excelente inglês, são americanizadas nos hábitos e na aparência – algo absolutamente impossível, a menos que tenham vivido nesse país por muitos anos. Isto é, elas foram levadas à prostituição pelas condições americanas, pelo costume inteiramente americano de exibição excessiva de elegância e de roupas, o que, é claro, demanda dinheiro – dinheiro que não pode ser ganho em lojas ou em fábricas.

Em outras palavras, não há razão para crer que algum grupo de homens corresse riscos e incorresse em gastos para obter produtos estrangeiros quando as condições americanas estão inundando o mercado com milhares de garotas. Por outro lado, há evidência suficiente para provar que a exportação de garotas americanas para se prostituírem não é de modo nenhum um fator irrelevante.

Clifford G. Roe, ex-promotor assistente do Condado de Cook, Illinois, faz a acusação explícita de que garotas da Nova Inglaterra são embarcadas para o Panamá para serem expressamente usadas pelos homens empregados pelo Tio Sam. O senhor Roe acrescenta que “parece haver uma estrada de ferro alternativa entre Boston e Washington pela qual viajam muitas garotas.” Não é significativo que a estrada de ferro leve ao próprio núcleo das autoridades federais? Que o senhor Roe tenha dito mais do que fosse desejado em certos setores fica provado pelo fato de que ele perdeu sua posição. Não é conveniente que homens em posições oficiais contem histórias infantis.

A desculpa dada para as condições no Panamá é que não há bordéis na Zona do Canal. Essa é a escusa usual para um mundo hipócrita que não ousa enfrentar a verdade. Não há na Zona do Canal, nem nos limites da cidade – portanto, a prostituição não existe.

Além do senhor Roe, há James Bronson Reynolds, que fez um estudo amplo do tráfico de escravas brancas na Ásia. Como um cidadão americano leal e amigo do futuro Napoleão da América, Theodore Roosevelt, ele é certamente o último a desacreditar a virtude de seu país. No entanto, ele nos informa que em Hong Kong, Shangai e Yokohama, estão localizados os estábulos de Augeas do vício nas Américas. As garotas americanas de lá se tornaram tão conhecidas que, no Oriente, “garota americana” é sinônimo de prostituta. O senhor Reynolds lembra seus compatriotas que enquanto os americanos na China estão sob a proteção de seus representantes consulares, os chineses na América não têm qualquer proteção. Quem quer que saiba das bárbaras e brutais perseguições que os chineses e japoneses sofrem na Costa do Pacífico concordará com o senhor Reynolds.

Em vista desses fatos, é um absurdo apontar para a Europa como o pântano de onde provêm todas as doenças sociais da América. Tão absurdo como publicitar o mito de que os judeus entram com o maior contingente de objetos voluntários de prazer. Estou certa de que ninguém me acusará de tendências nacionalistas. Fico feliz em dizer que as superei, assim como superei muitos outros preconceitos. Portanto, se me ressinto com a afirmação de que as prostitutas judias são importadas, não é graças a nenhuma simpatia judaizante, mas por causa dos fatos inerentes nas vidas desse povo. Ninguém, a não ser os mais superficiais, afirmará que as garotas judias emigram para terras estranhas, a menos que tenham algum laço ou relação que as leve até lá. A garota judia não é aventureira. Até anos recentes, ela nunca deixava sua casa, sequer indo até a vila ou cidade vizinha, exceto para visitar algum parente. É crível que garotas judias deixem seus pais ou famílias, viajem milhares de milhas até terras estranhas, pela influência e promessas de forças estranhas? Visite qualquer um dos grandes navios que chegam e veja por você mesmo se essas garotas não chegam com os pais, irmãos, tias ou outros parentes. Pode haver exceções, é claro, mas afirmar que grandes números de garotas judias são importadas para a prostituição, ou para qualquer outro propósito, é simplesmente desconhecer a psicologia judia.

Quem tem telhado de vidro faz mal em atirar pedras nos dos outros; além disso, o telhado de vidro americano é muito fino, pode quebrar facilmente, e o interior é uma bela vista.

Atribuir o aumento da prostituição a uma alegada importação, ao crescimento do sistema de cafetões, ou causas semelhantes, é muito superficial. Já tratei da primeira. Quanto ao sistema de cafetões, por detestável que seja, não devemos ignorar o fato de que é uma fase da prostituição moderna – uma fase acentuada pela supressão e pela corrupção, resultando das cruzadas esporádicas contra o mal social.



O cafetão é sem dúvida um pobre espécime da família humana, mas de que modo ele é mais desprezível que o policial que toma o último centavo da prostituta de rua e depois a prende na delegacia? Por que o cafetão é mais criminoso, ou uma maior ameaça à sociedade, do que os donos de lojas de departamentos e de fábricas, que engordam graças ao suor de suas vítimas, apenas para levá-las à sarjeta? Não estou fazendo um apelo a favor do cafetão, mas falho em perceber por que ele é impiedosamente perseguido, ao passo que os que realmente perpetram todas as iniquidades sociais gozam de imunidade e respeito. Além disso, é bom lembrar que não é o cafetão que faz a prostituta. É nossa falsidade e hipocrisia que cria ambos, o cafetão e a prostituta.

Até 1894 pouco se sabia na América sobre o cafetão. Fomos então atacados por uma epidemia de virtude. O vício devia ser abolido, o país purificado a qualquer preço. O câncer social foi então tirado de vista, mas penetrou mais fundo no corpo. Os donos de bordéis, bem como suas vítimas infelizes, foram entregues à delicada piedade da polícia. A consequência inevitável de subornos exorbitantes, e a penitenciária, se seguiram a isso.

Enquanto eram comparativamente protegidas nos bordéis, nos quais representavam um certo valor monetário, as garotas encontravam-se agora nas ruas, absolutamente à mercê da polícia, sedenta por suborno. Desesperadas, precisando de proteção e desejosas de afeto, essas garotas naturalmente se tornaram presas fáceis de cafetões, eles mesmos resultado do espírito de nossa época comercial. Assim, o sistema de cafetinagem foi uma consequência direta da perseguição policial, do suborno e da tentativa de supressão da prostituição. Era uma completa bobagem confundir essa fase moderna do mal social com as suas causas.

A mera supressão e bárbaros decretos só servem para amargar, e degradar ainda mais, as vítimas da ignorância e da estupidez. Essa última atingiu sua expressão mais alta na lei proposta de transformar o tratamento humano de prostitutas em crime, punindo qualquer um que desse abrigo a prostitutas com cinco anos de prisão e dez mil dólares de multa. Tal atitude apenas expõe a terrível falta de compreensão das verdadeiras causas da prostituição, como um fator social, tornando também manifesto o espírito puritano dos dias da *Scarlet Letter* (Letra Escarlate).<sup>16</sup>

Não há um único escritor moderno sobre o assunto que não mencione a enorme futilidade de métodos legislativos no tratamento da questão. O Dr. Blaschko mostra que a supressão governamental e as cruzadas morais não obtêm nada a não ser empurrar o mal para canais secretos, multiplicando seus perigos para a sociedade. Havelock Ellis, o mais completo e humano pesquisador da prostituição, prova com riqueza de dados que quanto mais rigorosos são os métodos de perseguição, piores se tornam as condições. Entre outros dados, aprendemos que

em 1560, Charles IX aboliu os bordéis através de um édito, mas o número de prostitutas só aumentou e muitos novos bordéis surgiram em formas insuspeitas e eram mais perigosos. A despeito de tal legislação, ou por causa dela, não houve região na qual a prostituição tenha tido um papel mais evidente.<sup>17</sup>

Uma opinião pública educada, livre da perseguição legal e moral das prostitutas, é só o que pode ajudar a melhorar as condições atuais. Fechar os olhos obstinadamente e ignorar o mal como um fator

---

<sup>16</sup> N.T. *The Scarlet Letter* (A Letra Escarlate), romance de Nathaniel Hawthorne, tematiza a obrigatoriedade do uso da letra A, de adúltera, nas vestes, para estigmatizar mulheres na Nova Inglaterra colonial.

<sup>17</sup> *Sex and Society*.

social da vida moderna, só pode agravar a situação. Devemos superar nossas ideias bobas de “melhor-do-que-você” e aprender a reconhecer na prostituta um produto da condição social. Tal percepção afastará a atitude de hipocrisia e assegurará uma maior compreensão e um tratamento mais humano. Quanto à erradicação completa da prostituição, nada pode levar a isso, com exceção da inteira mudança de todos os valores aceitos, especialmente os morais – acoplada à abolição da escravidão industrial.

Traduzido por: Mariza Corrêa





Feira de Mulheres Anarquistas - 2019